

Apresentação

Por que Filosofia Antiga?

Remonta a Pitágoras a origem da formação da palavra “filosofia”: “Eu sou um filósofo”, quer dizer, um amante da sabedoria —respondeu ele, ao ser interrogado pelo tirano Léon sobre sua profissão, introduzindo, pela primeira vez, o vocábulo cujo sentido iria reduplicar-se na história e fundar toda uma tradição: “Ninguém, exceto um deus, pode ser sábio”; o filósofo, ao contrário, não possuindo a sabedoria, é aquele que se esforça em direção a ela. O prefixo *philos* foi acrescentado para aniquilar o caráter absoluto do *sophos*, que visava atingir a sabedoria ela mesma.

Concebendo a si mesma como limite de uma pretensão, como correção de uma desmedida (*ὑβρις*), por oposição a uma sabedoria (*σοφία*) que, ao contrário, se pretendia um saber divino, e, portanto, por sua totalidade e perfeição, impossível e inatingível, a filosofia produz o solo sobre o qual poderá constituir-se, nas gerações futuras, como um saber estritamente humano, isto é, um saber cuja atividade consiste, não em afirmar, mas, fundamentalmente, em interrogar.

Compreendamos, pois, o que significa interrogar, lá onde pela primeira vez este verbo designou uma atividade central da arte do filosofar: refiro-me à filosofia de Platão, e remeto o leitor a uma conhecida passagem do *Teeteto*, onde é dito que o pensamento é o diálogo (*διαλέγεσθαι*) da alma consigo mesma, interrogando (*ἔρωτᾶν*) e respondendo a si mesma. Ora, enquanto parte do caráter essencialmente dialógico do pensamento, o interrogar filosófico não se define portanto como um movimento ativo solitário daquele que, considerando-se sábio, interroga um não sábio: “não filosofa quem já é sábio”. O que interroga está de algum modo submetido também aos efeitos provocados pelas respostas do interrogado. O movimento é de reciprocidade; ele envolve um apaixonar-se simultaneamente por um saber que se deseja porque reconhecidamente não se possui. Não é à toa que Sócrates, o filósofo por excelência, é um *erotikos* e que eros seja a ele identificado no *Banquete*. Ἔρως e ἐρωτάω, se não têm a mesma raiz, têm uma consonância de sentido: toda questão envolve a presença e o impulso de eros, pois eros representa o caminho, a passagem (*poréia*) de toda questão.

No sentido platônico, nós não “fazemos” filosofia; nós somos submetidos aos seus efeitos, como aos efeitos de uma chama que nos queima e consome. Ao menos é assim que Platão se refere a essa atividade na *Carta VII*, querendo com isso dizer que o filósofo sofre (πάσχειν), é afetado pelas questões que o envolvem: não escapa de filosofar aquele que se dá conta da eminência das questões filosóficas. E dialogar, mesmo se o discurso produzido não está na forma clássica de um diálogo, não é outra coisa, senão um participar com o outro, ou com a própria alma, desse drama comum.

Certamente a filosofia perdeu muitas de suas características originais. Contudo, ela é ainda, conforme o espírito que a criou, a expressão viva da resistência e da força de um *logos* cuja originalidade está justamente no fato de se expressar como um discurso que interroga, que põe à prova, não somente os outros discursos que com ele se confrontam, mas também, e sobretudo, o seu próprio. Se as questões filosóficas não encontram respostas definitivas, mesmo quando se forja essa aparência, e se a elas o filósofo retorna indefinidamente, como se o valor polêmico de seus conteúdos fosse eterno, é porque o seu caráter necessário impede que a filosofia se realize como um saber total.

Portanto, como disse certa vez, e com muita propriedade, Pierre Aubenque, “Filosofia Antiga” não é simplesmente a referência a um período da história da filosofia —o primeiro do desenvolvimento intelectual de uma atividade específica a que se deu o nome de “filosofia”. Filosofia Antiga é a matéria no interior da qual se constituiu esse modo específico de pensar, de dizer, de argumentar —a Filosofia. Penetrar em suas questões é, pois, penetrar no sentido mesmo do que ainda é para nós essa atividade. Não apenas porque a filosofia grega contém os germes de toda filosofia futura, isto é, a inaugura e influencia, mas porque os textos antigos, por seu caráter radicalmente interrogativo e pela essencialidade de suas questões, solicitam ainda a nossa reflexão.

Irley F. Franco